



**ARQUIMEMÓRIA 6**  
SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

## **AUTORIA E COLABORAÇÃO: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE MULHERES E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA**

*AUTORÍA Y COLABORACIÓN: LA TRAYECTORIA PROFESIONAL DE LAS MUJERES Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA EN LA ARQUITECTURA MODERNA BRASILEÑA*

*AUTHORSHIP AND COLLABORATION: WOMEN'S PROFESSIONAL TRAJECTORY AND THE CONSTRUCTION OF MEMORY IN BRAZILIAN MODERN ARCHITECTURE*

Eixo 2 – Patrimônio, sociedade e diversidade

**Clara Troia Homem de Melo**

Mestranda PPG-AU Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo,  
claratroia@gmail.com

### **Resumo:**

A ideia de autoria, estruturante no cânone da arquitetura moderna brasileira, e a de colaboração são elementos fundamentais para compreender a profissionalização de arquitetas mulheres em meados do século XX.

Com um recorte principalmente da atuação de mulheres e de difusão arquitetônica no sudeste, em meados do século XX, a partir da análise de instituições e meios de difusão arquitetônica verifica-se que a elaboração da historiografia oficial da arquitetura reforça a idealização da autoria única, tendendo à invisibilidade de personagens e agentes da conformação espacial e urbana, entre eles as mulheres. O cruzamento de tais documentos com o levantamento da trajetória profissional de mulheres formadas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo entre 1952 e 1971 - correspondendo à primeira turma discente formada e ao ano de reforma curricular do curso - permite associações entre o modelo de produção da arquitetura moderna, seus instrumentos de construção de memória e a profissionalização de arquitetos e arquitetas. Mobilizar a categoria do gênero, neste contexto, corresponde a questionar os discursos normativos e trazer para a pauta novas categorias de análise e de tipologias documentais.

**Palavras chave:** Mulheres na arquitetura, Historiografia, Gênero, Memória, Arquitetura Moderna.

### **Resumen:**

La idea de autoría, estructurante en el canon de la arquitectura moderna brasileña, y la de colaboración son elementos fundamentales para comprender la profesionalización de las arquitectas a mediados del siglo XX. Con un recorte principalmente de la actuación de mujeres y de la difusión arquitectónica en el sureste, a mediados del siglo XX, a partir del análisis de instituciones y medios de difusión arquitectónica, se verifica que la elaboración de la historiografía oficial de la arquitectura refuerza la idealización de la autoría única, tendiendo a la invisibilidad de personajes y agentes de la conformación espacial y urbana,



# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

entre ellos las mujeres. El cruce de tales documentos con el levantamiento de la trayectoria profesional de mujeres formadas en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo entre 1952 y 1971 -correspondiendo a la primera promoción de estudiantes y al año de reforma curricular del curso- permite asociaciones entre el modelo de producción de la arquitectura moderna, sus instrumentos de construcción de memoria y la profesionalización de arquitectos y arquitectas. Movilizar la categoría de género, en este contexto, corresponde a cuestionar los discursos normativos y traer a la pauta nuevas categorías de análisis y tipologías documentales.

**Palabras clave:** Mujeres en la arquitectura, Historiografía, Género, Memoria, Arquitectura Moderna.

### **Abstract:**

The idea of authorship, structuring in the canon of modern Brazilian architecture, and that of collaboration are fundamental elements for understanding the professionalization of women architects in the mid-20th century. With a focus mainly on the activities of women and architectural dissemination in the southeast, in the mid-20th century, an analysis of institutions and architectural dissemination media reveals that the elaboration of the official historiography of architecture reinforces the idealization of unique authorship, tending to the invisibility of characters and agents of spatial and urban formation, among them women. The intersection of such documents with the survey of the professional trajectory of women who graduated from the Faculty of Architecture and Urbanism at the University of São Paulo between 1952 and 1971 - corresponding to the first class of graduates and the year of the curriculum reform of the course - allows for associations between the model of production of modern architecture, its instruments of memory construction, and the professionalization of male and female architects. Mobilizing the category of gender, in this context, means questioning normative discourses and bringing to the fore new categories of analysis and documentary typologies.

**Keywords:** Women in Architecture, Historiography, Gender, Memory, Modern Architecture.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo pretende discutir a oposição entre a ideia de autoria, estruturante no cânone da arquitetura moderna brasileira, e a de colaboração, enquanto elementos fundamentais para compreender a profissionalização de arquitetas mulheres em meados do século XX. Interessa também ao debate compreender de que forma a difusão e fontes documentais colaboraram para a construção de uma historiografia oficial da arquitetura, a qual inviabilizou diversos agentes, entre eles as mulheres.

Pretende-se associar a atuação e profissionalização de mulheres formadas arquitetas no período de 1952 a 1971<sup>1</sup>, com a maneira com que a arquitetura moderna foi difundida, concebida enquanto memória e de que forma as disputas de poder do campo influenciam neste processo.

Apoiado pela revisão historiográfica iniciada na década de 1980, a qual incorpora o viés de gênero, raça e sexualidade na temática arquitetônica, bem como convoca para discussão novas fontes documentais, ou revisionismos das tradicionais (CASTRIOTA, 2011), o presente artigo não tem a intenção, necessariamente, de alçar nomes femininos a nível de comparação

---

<sup>1</sup> O recorte do período de 1952 a 1971 é reflexo dos primeiros anos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em que a configuração discente do curso admitia 30 alunos por ano, sendo 1952 a primeira turma formada e em 1971, com a reforma curricular, o curso passa a admitir 150 alunos por ano.



## ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

de outros nomes da arquitetura moderna. Pretende-se entender a formação e consolidação do campo profissional da arquitetura, e como a inserção, ou exclusão das mulheres é também fato significativo em sua história. Ou seja, mais do que uma análise propriamente da produção arquitetônica e intelectual dessas mulheres, a intenção é indagar como a formação do campo profissional também é decorrência do modelo de produção e difusão do modernismo.

Segundo Beatriz Colomina:

A arquitetura deve ser pensada como um sistema de representação da mesma forma que pensamos em desenhos, fotografias, maquetes, filmes ou televisão, não apenas porque a arquitetura nos é disponibilizada por meio dessas mídias, mas porque o objeto construído é em si um sistema de representação. Da mesma forma, o corpo deve ser entendido como uma construção política, um produto de tais sistemas de representação e não os meios pelos quais os encontramos. (COLOMINA, pg. 10, 1992, tradução livre)

Neste sentido, entender a forma que as mulheres atuaram profissionalmente na arquitetura moderna ampara a compreensão da disciplina enquanto uma representação de si mesma. Ou seja, se grande parte da produção e obras foram elaboradas por homens, a partir de um modelo masculino e eurocêntrico, centrado na ideia da autoria, de que forma a arquitetura inclui ou exclui diversos agentes no processo de formação dos espaços, sendo que aqui aprofunda-se a questão do gênero.

No contexto brasileiro - mais especificamente o contexto da produção moderna de São Paulo -, a partir da investigação sobre o tema, percebeu-se que o debate em torno da profissionalização e atuação dessas mulheres, formadas arquitetas e urbanistas, é extremamente pioneiro. Por esse motivo, o presente artigo pretende ser uma discussão acerca do estado da arte do tema, trazendo à tona alguns dos debates das pesquisas que ocorrem no momento, bem como os dados e caminhos, ainda inconclusos, acerca do assunto.

Tem-se a intenção de entender como a historiografia definiu seus documentos e fontes de pesquisa, e de que forma esse processo trabalha para a manutenção de uma certa narrativa e como é possível revisá-la e sugerir novas tipologias documentais para o debate.

Existe também o entendimento que as histórias das mulheres na arquitetura<sup>2</sup>, enquanto agentes da formação do espaço, muitas vezes é abordada pelo viés da domesticidade. O espaço doméstico foi atribuído às mulheres dentro da construção da ideia de família capitalista e ocidental em oposição ao dos homens, que gozavam do espaço público e profissional, saindo de suas casas para trabalhar, enquanto cabia às mulheres zelar pelo lar e pelos filhos. A representação das mulheres no espaço está normalmente associada à casa, aos interiores e à vida privada, por esse viés, as mulheres se tornaram importantes intermediárias das necessidades programáticas residenciais do século XX e diversos documentos e bibliografias operam nesse sentido.

---

<sup>2</sup> Esse viés de abordagem, em sua maioria, descreve e analisa o processo de atuação de mulheres de classes altas, em sua maioria mulheres brancas. A discussão do papel das mulheres negras no mercado de trabalho perpassa por outros temas os quais não foram aprofundados no presente artigo.



## ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Apesar da representatividade na temática da domesticidade, nem sempre a atuação dessas mulheres está associada à formação ou profissionalização no campo arquitetônico de fato. Por sua vez, pesquisas no sentido do mercado de trabalho verificam a tendência de profissionalização feminina em disciplinas menos valorizadas do campo arquitetônico, sendo essas a do paisagismo, do urbanismo e das artes decorativas. Essas áreas demonstravam oferecer mais espaço para sua atuação, e simultaneamente eram desvalorizadas exatamente por serem consideradas disciplinas femininas (RUBINO, 2017).

A tese de doutoramento, em andamento, de Gabriela Tamari intitulada “Paisagismo: uma disciplina feminina?”, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo<sup>3</sup>, discute a tendência das mulheres formadas entre as décadas de 1950 e 1970 a atuarem dentro das disciplinas paisagística e urbanística. Durante sua pesquisa, Tamari realizou um levantamento de mulheres formadas nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo da USP, do Mackenzie e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), buscando estabelecer uma biografia coletiva deste “grupo social” (TAMARI, 2018). Neste primeiro levantamento os nomes cobriam o período de 1952 a 1956<sup>4</sup> e foi possível perceber que, além da “especialização” nas disciplinas marginalizadas, citadas anteriormente, mulheres conseguiam empregos e seguiam carreiras dentro do setor público, em diversos órgãos e instituições - mesmo que essas fossem normalmente voltadas para o paisagismo e ao urbanismo.

De certa forma, aqui se estabelece outra oposição entre os papéis de homens e mulheres dentro da disciplina. Se no âmbito social as mulheres ocupam o espaço doméstico, enquanto os homens fruem no espaço público, o campo profissional consolidou o personagem masculino, gênio, criativo e autor, e à sombra dessa orientação, as mulheres tenderam a ocupar espaços de criação e desenvolvimento colaborativos, além de se tornarem agentes de produção do espaço público.

Tais tendências podem ser verificadas pelas fontes documentais e levantamentos aqui requisitados.

### AUTORIA E O PROCESSO COLABORATIVO DA ARQUITETURA

A arquitetura enquanto atividade profissional é, inegavelmente, um processo colaborativo. No entanto, a ideia de coletividade na arquitetura permanece como sua “caixa preta” (RUBINO, 2019), ou seja, como assunto omitido nos debates.

Existem grandes exemplos de parcerias invisibilizadas ao longo da história da arquitetura, mas aqui, mais do que a ideia da parceria, é necessário apontar para a oposição entre o cânone da arquitetura moderna pautado em indivíduos - homens em sua maioria - e o processo de produção do espaço em formatos mais colaborativos.

---

<sup>3</sup> Dado de agosto de 2024.

<sup>4</sup> A referência de nomes para tal levantamento é decorrente das listas disponibilizadas em “SODRÉ, J. Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil 1938-1962. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). FAUUSP, São Paulo, 2010. Anexo: Lista de formandos entre 1952 e 1967”. As listas do Mackenzie e da UFMG foram obtidas com as respectivas instituições por Gabriela Tamari.



## ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

A organização hierarquizada de um arquiteto detentor do conhecimento e de uma arquitetura original, cercado de colaboradores “mediócras” os quais trabalham a partir dos ensinamentos deste mestre vem de um modelo renascentista de organização dos ateliês de arquitetura e construção (RUBINO, 2019). Dentro dessa lógica, em um contexto machista, excludente para as mulheres ao longo da história, a ideia de gênio criador torna-se diretamente relacionada à figura do homem.

Essa tendência, por mais que estejamos discutindo a realidade brasileira, é sintomática do modelo e da produção da arquitetura moderna internacionalmente e é abordada na palestra ministrada por Gwendolyn Wright, em 2007, dentro do colóquio “Women in Modernism: Making Places in Architecture”.

A veneração pelo ‘Arquiteto’, suas intenções, suas marcas formais e inventividade radical tem um efeito semelhante. A retórica da reverência infável é quase religiosa, uma questão de crença e não de análise e julgamento claros. A maioria das instituições arquitetônicas se concentra em um punhado de grandes designers, ignorando o resto. (...) As exposições arquitetônicas não apenas celebram “mestres” singulares e suas “obras-primas”; eles também sugerem uma diferença vertiginosa deste reino etéreo para a mediocridade. Mais uma vez, ninguém aqui questionaria o talento ou negaria diferenças reais em qualidade e originalidade. Mas a reverência mística torna difícil questionar mitos, desafiar hierarquias impostas, explorar múltiplos tipos de invenção, exploração, intenções --- e efeitos. (WRIGHT, pg. 2, 2007, tradução livre)

Wright pontua o mesmo processo sugerido anteriormente. A veneração ao indivíduo-autor oculta diversos outros agentes que operam na conformação espacial e urbana.

O aspecto colaborativo, por sua vez, acontece em diversas instâncias e momentos. Primeiramente é necessário pontuar que, mesmo nos aspectos formais de um edifício que se pretende construir há a congregação de saberes de diversas disciplinas, desde a estrutura e outras engenharias, até - em um contexto de um Brasil com processo de industrialização em andamento - fornecedores de elementos construtivos. Posteriormente, para a materialização de fato do edifício, a ideia de projeto, própria da arquitetura, e praticamente a última etapa de maior controle do arquiteto, se torna realidade pelas mãos de diversos agentes ainda mais invisibilizados: operários e mestres de obras. Outra discussão que tem espaço próprio e que não será abordada aqui.

Ainda em etapa de desenvolvimento projetual, chega-se na principal instância de invisibilidade feminina no que diz respeito à prática de projeto de edificação. Em uma profissão regida por homens, muitas mulheres passaram, ao longo da história, à sombra do processo criativo. Falemos primeiro de algo que não nos cabe aprofundar no presente artigo, mas necessário apontar enquanto agentes invisibilizadas no processo, que são as clientes. Como mencionado anteriormente, o espaço oferecido às mulheres foi o espaço doméstico, de forma que os saberes de funcionamento de uma casa são recorrentemente atribuídos às figuras femininas. Logo, no desenvolvimento de diversas das residências, tão festejadas pelo modernismo, o papel de elaboração de necessidades programáticas e mesmo da organização espacial dessas casas era muitas vezes liderado pelas mulheres, que de certa forma,



## ARQUIMEMÓRIA 6 SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

tornam-se co-autoras desses projetos. Exemplo notório é o caso em que Alice Friedman discutirá, a partir da Residência Farnsworth de Mies van der Rohe (FRIEDMAN, 2007), o papel de Edith Farnsworth no processo de desenvolvimento de projeto

Em outro aspecto temos as colaborações “profissionais”, ou seja, mulheres e homens com formação na área de arquitetura e urbanismo e que atuaram dentro de escritórios de arquitetura, a nível de produção privada. Nesse sentido, retoma-se a ideia do modelo renascentista, em que existe a figura do mestre, o sócio-fundador do escritório - e que normalmente dá nome ao mesmo - os veteranos, sendo esses arquitetos e arquitetas com mais experiência e os desenhistas, aos quais cabia normalmente o desenho e a produção das pranchas de projeto desenhadas a lápis e posteriormente à nanquim (SILVA, 2016). Eventualmente, os parceiros que ocupavam o cargo de veteranos eram creditados em fichas das obras enquanto colaboradores, no entanto, desenhistas e outros membros da equipe, os quais provavelmente conviviam com o processo criativo, tem apenas as iniciais ou primeiro nome descrito nos carimbos das pranchas, tornando difícil identificar esses personagens e suas trajetórias (SILVA, 2016).

Primeiramente, nesta esfera, cabe mencionar a dificuldade em encontrar registros das formações dos escritórios dos arquitetos notórios ao longo dos anos, bem como das dinâmicas internas de produção dos mesmos. Isto é sintomático da forma que a produção desses escritórios eram veiculada e pesquisada, sendo correntemente a partir das falas dos mesmos, das imagens das obras construídas e outras formas de representação que compunham uma ideia da obra de arquitetura enquanto objeto concluído e estático. Excepcionalmente detalhes ou representações de etapas de desenvolvimento dos projetos eram apresentados.

“(…) esses documentos reforçam o ideal do gênio artístico, individual e isolado, pouco ou nada contando sobre o processo de concepção, materialização e apropriação da obra, dentro e fora do campo arquitetônico, questões que hoje orientam muitas pesquisas na área, mas que naquele momento [em meados do século XX] não eram sequer formuladas.” (SILVA, p.48, 2016).

São, por essas questões, que o problema da falta de representação feminina é, primeiramente, relacionada às próprias disputas do campo arquitetônico, mas é também um problema historiográfico, em que ocorre uma ocultação de um trabalho que muitas vezes é feito em grupo ou coletivo e cuja a autoria vai apenas para um e nunca saberemos efetivamente o grau de parceria ou participação que aconteceu em certos projetos que nós consideramos emblemáticos (RUBINO, 2019).

### **A TENDÊNCIA AO FUNCIONALISMO PÚBLICO**

Em primeiro momentos, dentro do recorte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e impulsionada pelos levantamentos já realizados em pesquisas



## ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

semelhantes<sup>5</sup>, buscou-se reconhecer a proporção de arquitetas formadas na instituição, em relação aos homens, e suas trajetórias.

A tabela 1 exemplifica a trajetória das mulheres formadas pela FAUUSP entre 1952 e 1971 e demonstra o prosseguimento na carreira pública por parte delas. É possível supor diversas motivações para tanto, contudo, conforme discorrido, dentro da lógica de poder que operava no círculo dos arquitetos modernos, a carreira pública, em oposição à de profissional liberal autônoma, apresentava-se como profissionalização segura, na qual, a partir de concursos, era possível garantir uma carreira, sem que essa estivesse sujeita à validação do meio profissional ou mesmo pelas instituições de difusão da arquitetura.

Esses exemplos verificam essa conformação enquanto grupo social, ou seja, enquanto tendência baseada na estrutura da disciplina e organização social, colocando luz sobre a hipótese de que as mulheres construíram suas carreiras baseadas em uma dupla disputa do campo. Primeiramente por conta da hierarquização dentro da disciplina, as áreas de arquitetura paisagística, desenho urbano, interiores, design de móveis e design gráfico, representavam não apenas menor disputa mas também, naquele momento, uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento de suas carreiras. Dessa forma, essas áreas corresponderam a um espaço de atuação e de construção de um saber, em que as mulheres puderam encontrar não apenas um mercado de trabalho, mas tornaram-se personagens estruturantes das disciplinas. Por outro lado, dentro do funcionalismo público, a realização da atuação colaborativa - e até anônima - permitia mais espaço para essas personagens, sem que disputassem espaços de autoria e de valorização enquanto indivíduos autônomos.

A tabela nos permite identificar nomes mais ou menos conhecidos da historiografia oficial, e mesmo perceber colaborações e parcerias dos ditos escritórios renomados do período. De toda forma, dentre as mulheres as quais mais informações foram obtidas, é visível a passagem por instituições e órgãos públicos.

Exemplos como Liliana Marsicano Guedes, parceira de Joaquim Guedes, arquiteto de grande reconhecimento na arquitetura moderna brutalista, desenvolveu projetos com seu marido, no entanto construiu carreira atuando dentro da área de preservação patrimonial junto da Secretaria Municipal de Cultura, onde atuou com Carla Milano, no desenvolvimento do Inventário dos bens culturais na Zona Leste da cidade de São Paulo. Outras trajetórias também chamam atenção como o caso de Helena Afanasieff, parceira de Paulo Mendes da Rocha, de quem se torna oficialmente sócia a partir de 2001, no entanto constrói longa trajetória dentro da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Governo do Estado de São Paulo.

Esses casos aludem à ideia de parceria, no entanto são exemplares de nomes masculinos consagrados em torno da autoria, em oposição às trajetórias femininas, as quais as principais realizações concentram-se em atividades profissionais pautadas na colaboração.

---

<sup>5</sup> A pesquisa de Gabriela Tamari e a de Vanessa Calazans, doutoranda pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, que desenvolve a tese intitulada: "Contribuição das profissionais de arquitetura em escritórios públicos de projeto de 1950 a 1970", na qual, a partir do recorte das instituições de projeto do estado de São Paulo, principalmente o DOP e a CECAP, elabora a hipótese que as mulheres, em sua maioria recém formadas - visto o início recente dos cursos - encontravam oportunidade empregatícia como arquitetas no serviço público.



# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

LISTA DE FORMANDAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ANO DE FORMAÇÃO	ARQUITETA	TRAJETÓRIA PROFISSIONAL
1952	Clementina Delfina Antonia de Ambrosis	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ex-superintendente de Estudos e Pesquisas da Fundação Prefeito Faria Lima - Cepam;</li> <li>2. Autora de artigos sobre Urbanismo;</li> <li>3. Funcionária pública da Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo.</li> </ol>
1952	Frejda Blinder (Schenkman)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Foi membro do núcleo local do Núcleo de Estudo e Divulgação da Arquitetura Brasileira (NEDAB);</li> <li>2. Funcionária pública</li> </ol>
1952	Natue Nomura (Terashima)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Arquiteta da Seção de Engenharia da C.A.C (Cooperativa Agrícola de Cotia)</li> </ol>
1952	Thereza Katinszky de Katina e Pielez	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estagiária do escritório de arquitetura de Franz Heep;</li> <li>2. Arquiteta no no Departamento de Edifícios e Obras Públicas do Governo do Estado (DOP);</li> <li>3. Arquiteta no Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE)</li> </ol>
1954	Liliana Marsicano (Guedes Sobrinho)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Colaborou em projetos com seu marido, o arquiteto Joaquim Guedes;</li> <li>2. Arquiteta na Divisão de Preservação do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. Realizou o Inventário dos bens culturais existentes na zonaleste da cidade de São Paulo, com Carla Milano.</li> </ol>
1955	Marianilza Brasilde Oliveira (Frangipani)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Pesquisadora do Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (CEPEU-FAUUSP).</li> </ol>
1955	Miranda Maria Esmeralda Martinelli (Magnolli)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estagiou com o Prof. Abelardo Riedy de Souza.</li> <li>2. Arquiteta paisagista no escritório de Roberto Coelho Cardozo.</li> <li>3. Formulou o "Plano de áreas verdes" para o Departamento de Áreas Verdes da Prefeitura Municipal de São Paulo (Depave 4), conjuntamente com Rosa Kliass.</li> <li>4. Professora da FAUUSP, em 1972 encabeçou a reforma de ensino das disciplinas de Paisagismo no Departamento de Projetos.</li> </ol>
1955	Rosa Grena Alembick (Kliass)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Arquiteta paisagista no escritório de Roberto Coelho Cardozo.</li> <li>2. Formulou o "Plano de áreas verdes" para o Departamento de Áreas Verdes da Prefeitura Municipal de São Paulo (Depave 4), conjuntamente com Rosa Kliass.</li> <li>2. Arquiteta paisagista em escritório próprio.</li> </ol>
1956	Alice Costa Imparato	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sócia e arquiteta do escritório Alice &amp; Dario Imparato Arquitetos</li> </ol>
1956	Elizabeth Maria Blumberg	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Arquiteta na Secretaria de Obras do Estado, no setor de Escolas.</li> </ol>
1956	Carol José Hernandez Pirela	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1956	Luzia Helena Carlos de Oliveira	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1956	Zilah Therezinha de Lauro Castrucci (Tambasco)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Funcionária pública;</li> <li>2. Desenvolveu projeto de uma escola dentro do PAGE (Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo (1959-1963)</li> </ol>



# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

1957	Ayako Nishikawa	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estagiária no escritório de Roberto Coelho Cardozo;</li> <li>2. Arquiteta no SENAI;</li> <li>3. Sócia e arquiteta paisagista em projetos privados com Rosa Klüss;</li> <li>4. Nos anos de 1960 tornou-se funcionária pública, inicialmente trabalhando na Secretaria de Serviços de Obras (SERV), órgão que posteriormente foi anexado ao DEPAVE;</li> <li>5. Colaborou no "Plano de Áreas Verdes".</li> </ol>
1957	Maria Aparecida da Costa França (Rolland)	1. Participava do Clube Soroptimista de Catanduva, onde desenvolvia a formação do trabalho feminino no canteiro de obras através de cursos de formação.
1957	Marlene Picarelli	1. Professora Departamento de Projetos da FAUUSP.
1957	Matilde Castro Daily	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1957	Regina Zonta	1. Assinou diversos artigos para a revista Casa e Jardim.
1958	Maria Antonio Bicudo Larrabure	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional. Foi membro do IAB a partir de 1959.
1958	Maria Giselda Cardoso Visconti	1. Professora do Fundação Armando Álvares Penteado.
1958	Maria Lucia Novaes Britto Passos	1. Arquiteta na Secretaria de Justiça do Governo de São Paulo
1958	Odiléa Setti Toscano	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Artista visual;</li> <li>2. Parceira e colaboradora em projetos com seu marido, João Walter Toscano;</li> <li>3. Professora Doutora - Departamento de Projeto - disciplina de programação Visual Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP (1974-2000)</li> </ol>
1958	Ruth Bicudo do Vale	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1959	Célia Rodrigues Lotti	1. Sócia do escritório Lotti E Reginato - Arquitetura e planejamento
1959	Maria Aparecida Ferreira de Camargo	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1959	Vera Maria Furtner	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1959	Elza Emilia Almeida Gaeta	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1960	Maria Immaculada Valio	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1960	Mayumi Watanabe	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Colaboradora dos projetos de Lelé (João Figueiras Lima)</li> <li>2. Diretora de planejamento do Fundo Estadual de Construções Escolares do município de São Paulo.</li> <li>3. Diretora do CEDEC durante a administração de Luiza Erundina na cidade de São Paulo.</li> </ol>
1961	Anna Therezinha Arantes Freato	1. Encontrou-se menção à Ana Freato enquanto arquiteta de Escolas dentro do programa do Fundo Estadual de Construção de Escolas (1966-1976), conjuntamente com Jacob Aron Corch
1961	Helena Oliveira Freire	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1961	Maria Del Carmen Benzal Ponce	1. Consta como fundadora da AEAN (Associação de Engenheiros e Arquitetos da Alta Noroeste) em 1965
1961	Vera Catunda Serra	1. Arquiteta e Paisagista, atuando principalmente em projetos privados
1962	Alice Gama Salgueiro	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional, apesar disso possui o CAU ativo.



# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

1962	Kazue Marubayashi	
1962	Maria José Catapano (Ferraz de Toledo)	1. Encontrou-se menção a obras de arte expostas na Bienal Naif de 2014
1962	Maria Rita Bordallo	1. Encontrou-se menção à trabalhos como figurinista em teatro
1963	Anna Maria Teixeira Nigro	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1963	Keiko Honda	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1963	Lacy Mitiko Tsukumo	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1963	Maria Aparecida Blumer de Salles	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1963	Nilva Lima Prado (Fridman)	1. Integrou a equipe vencedora do Monumento em Homenagem ao IV Centenário de Guarulhos, com William Munford e Maurício Fridman. 2. Manteve um escritório de arquitetura chamado Prado Fridman Arquitetos Associados desde 1977 até 2006.
1963	Yone Koseki	1. Trabalhou como assistente de projetos de Ernesto Hauner na empresa de móveis e mobiliário Mobilinea.
1963	Zuraida Alexandre Arap	1. Integrou a Câmara de Comércio Brasil-Líbano
1964	Angela Maria Apollinari Cury	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1964	Angela Maria Tereza Alma Filisetti	1. Professora da Panamericana - Escola de Arte e Design
1964	Helena Sula	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional. Foi encontrado menção em: DIAS, 2015, de seus desenhos dentro das disciplinas de Comunicação Visual da FAUUSP.
1964	Luisa Toscano	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional. Foi encontrado menção em: DIAS, 2015, de seus desenhos dentro das disciplinas de Comunicação Visual da FAUUSP.
1964	Maria Helena Cordeiro de Abreu	1. Trabalhou na área imobiliária.
1964	Marina Bernardini Donelli	1. Arquiteta de projetos de grande escala e de comunicação visual, segunda a própria arquiteta.
1964	Marta Mello Rossetti	1. Historiadora da Arte e docente no IEB. 2. Foi vice-diretora do IEB de 1990 a 1994 e diretora de 1994 a 1998.
1964	Myrian Nemes	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1965	Anita Leoni	1. Analista de Sistemas na empresa IBM do Brasil
1965	Cecília Carmen Monteiro de Barros	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1965	Cleyde Denser Amaro	1. Aprovada em concurso público de 1983, sem menções a prosseguimento da carreira.
1965	Maria Haydee de Camargo Bittencourt Rinaldi	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.



# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

1966	Carla Milano	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Dirigiu entre os anos de 1975 a 1979 a Divisão de Preservação do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal.</li> <li>2. Coordenou com a arquiteta Liliana Marsicano Guedes o Inventário dos bens culturais existentes na zona leste da cidade de São Paulo.</li> <li>3. Responsável pela editora Livros Studio Nobel a partir de 1991.</li> <li>4. Entre agosto de 2005 e junho de 2007, dirigiu a Divisão de Iconografia e Museus do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. (Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros)</li> </ol>
1966	Diana Mindlin Loeb	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Professora Universitária.</li> <li>2. Designer gráfica autônoma.</li> </ol>
1966	Edith Goncalves de Oliveira	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Professora Universitária</li> </ol>
1966	Lidia Lucia de Campos (Fiocchi)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Atribuído a Lidia L. de Campos Fiocchi e seu marido, Massimo Fiocchi, o projeto do Edifício Joviano de Moraes. Massimo Fiocchi possui outros diversos projetos atribuídos somente a ele, os quais não foi possível verificar a participação de Lidia.</li> </ol>
1966	Maria Madalena Re	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Paisagistas autônoma e membra da ABAP.</li> </ol>
1967	Ana Maria Silva	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1967	Helene Afanasieff	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Funcionária da secretária de Habitação da Prefeitura de São Paulo, de 1980 a 1986.</li> <li>2. Funcionária da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Governo do Estado de São Paulo, entre 1986 e 2001.</li> <li>3. Professora de Urbanismo da Escola da Cidade.</li> <li>4. Sócia Diretora do escritório de Paulo Mendes da Rocha, com quem era casada a partir de 2001.</li> </ol>
1967	Ivone Yoko Suzuki	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Funcionária da subprefeitura de Santo Amaro, em São Paulo.</li> </ol>
1967	Marlene Yurgel	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Professora na área de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP.</li> </ol>
1967	Myrian de Araujo	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1967	Therezinha Banevicius	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Colaborou no projeto do Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba - CODIVAP, coordenado por Jorge Wilhelm.</li> </ol>
1968	Dora Maria Aguiar Whitaker	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Foram encontradas menções de títulos do campo da arquitetura traduzidos do inglês por Dora Whitaker.</li> </ol>
1968	Gilda Collet e Silva	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S A, entre 1995 e 2000.</li> <li>2. Professora nas Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Mogi das Cruzes, USP e Mackenzie.</li> </ol>
1968	Lea Valdergorin	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1968	Maria Argentina de Oliveira Bibas (Naruto)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Arquiteta e Designer, sócia do escritório Bibas Naruto &amp; Naruto, junto com seu marido Minoru Naruto.</li> </ol>
1968	Maria Cecilia Penteado	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1968	Maria Inês Ghiraldelli (Fiaschi)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Consta como sócia do escritório Luciano Fiaschi Arquitetos, de seu marido, com foco em paisagismo.</li> </ol>
1968	Maria Regina Alvarenga Lepage	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sócia do escritório Lepage Arquitetura, com seu marido Paulo Jaragua Coelho Lepage</li> </ol>



# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

1968	Nina Maria Montenegro Ferreira Jamra	<ol style="list-style-type: none"> <li>Gerente da Divisão de Arquitetura e Urbanismo da Companhia Energética de São Paulo.</li> <li>Chefe de Setor de Planejamento Urbano da Companhia Energética de São Paulo.</li> <li>Professora de Projeto da Paisagem da FAAP.</li> <li>Profesora assistente de Projeto de Arquitetura na FIAM.</li> </ol>
1968	Satiko Outi Nakata	<ol style="list-style-type: none"> <li>Sócia de Luciano Fiaschi em seu escritório de paisagismo.</li> <li>Especializou-se na área de moda e possui produção própria.</li> </ol>
1968	Sonia Magdalena Spahn	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1968	Suely de Souza Dias	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1968	Tetsuki Maruti	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1968	Thea Schwarz	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1969	Adelina Desiderio	<ol style="list-style-type: none"> <li>Arquiteta paisagista no escritório de Jorge Wilheim.</li> <li>Trabalhou no DEPAVE.</li> <li>Trabalhou na Secretaria Municipal de Infra- Estrutura Urbana da Prefeitura de São Paulo.</li> </ol>
1969	Ana Maria de Biase Gonçalves Dente	1. Foi ativa na SASP (Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo)
1969	Cornelia Regel Bresslau	1. Trabalhou na Secretaria do Meio Ambiente da Bahia.
1969	Erica Yukiko Yoshioka	<ol style="list-style-type: none"> <li>Funcionária do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - SP.</li> <li>Profa. Dra. da FAUUSP na área de Tecnologia.</li> </ol>
1969	Maria Cristina de Toledo Piza	1. Possui escritório próprio de paisagismo.
1969	Maria Estela de Andrade Melega (Prandini)	1. Diretora da DIM (Divisão de Iconografia e Museus) de São Paulo entre 1975 e 1978.
1969	Maria Satiko Shibukawa	1. Presidente da Associação AOMORI Kenjin do Brasil.
1969	Maria Thereza Vergueiro	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1969	Yoko Meguro	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1970	Cinzia Damiani	1. Editora na Editora USP.
1970	Marcia Nadir Machado Grosso	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1970	Maria Aparecida de Carvalho	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1970	Maria Elizabeth Ramos Peirão	1. Autora de livros com foco em Arquitetura escolar e restauro.
1970	Maria Luiza Correa	<ol style="list-style-type: none"> <li>Professora da Universidade de São Paulo.</li> <li>Atuação como arquiteta em escritório próprio.</li> </ol>
1970	Maria da Penha Pereira Nobre	<ol style="list-style-type: none"> <li>Trabalhou na CET-São Paulo, no Departamento de Operação do Sistema Viário - DSV.</li> <li>Diretora na Instituto De Mobilidade E Educacao Plano - IMEP / Planotran.</li> </ol>
1970	Maria Rosa Rezzani Giordano	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1970	Marion Ktscher	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1970	Neide Caldas Vieira	1. Artista e ceramista.



# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

1970	Samira Darwiche	1. Artista Plástica.
1970	Vera Lucia Campos	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1971	Andreina Nigriello	1.. Trabalhou na Secretária de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, entre 2004 e 2008. 2. Funcionária da EEMPLASA, entre 2008 e 2016. 3. Professora da FAU-USP desde 1980.
1971	Claudia Maria Arnhold Simões de Oliveira	1. Autora de livros sobre urbanismo e infância.
1971	Denise Buhrer	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1971	Elide Zuanella	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1971	Erminia Terezinha Menon Maricato	1. Secretária de Habitação e Desenvolvimento Urbano, entre 1989 e 1992. 2. Ministra do Ministério das Cidades, entre 2003 e 2005. 3. Professora da FAU-USP desde 1974, tornando-se Professora titular em 1999.
1971	Klara Anna Maria Kaiser	1. Trabalhou com Nelson Leirner entre 1967 e 1970. 2. Arquiteta paisagista no escritório Burtle Marx entre 1974 e 1976. 3. Membro da ABAP. 4. Professora Livre Docente de Arquitetura Paisagística na FAU- USP.
1971	Maria Lucia Guilherme	1. Arquiteta autônoma.
1971	Maria Cecilia Closs Scharlach	1. Fundou a revista Desenho. 2. Membro do Conselho Editorial da Revista da Biblioteca Mário de Andrade (2012-2016) e das revistas Módulo e Novo Caminho, dirigidas por Oscar Niemeyer. 3. Secretária da Comissão de Defesa e Preservação da Identidade do Memorial da América Latina (1990-1996) 4. Autora de textos e artigos relacionados à Urbanismo e Direitos Humanos.
1971	Maria Helena de Moraes Barros Flynn	1. Arquiteta no escritório Escritório de Arquitetura Paulo Archias Mendes da Rocha entre 1972 e 1974. 2. Arquiteta no escritório Sérgio Teperman Arquitetos Associados entre 1975 e 1976. 3. Professora de Ensino Superior em diversas Universidades Privadas do Estado de São Paulo.
1971	Maria Pronin	1. Teve escritório próprio, Alexandre Danilovic & Maria Pronin Arquitetos, entre 1972 e 1978. 2. Arquiteta no escritório Joaquim Guedes Arquitetura, entre 1978 e 1979. 3. Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
1971	Maria Stella de Carvalho Ferreira	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.
1971	Suzana Traldi	1. Arquiteta paisagista.
1971	Xenia Leila Broto Fernandes	1. Funcionária da Subprefeitura de São Mateus, SP, e parte do Escritório Técnico da Operação Urbana Consorciada em 2004.
1971	Zilda Any Zatz Waksman	Não foram encontrados dados sobre sua trajetória profissional.

**Tabela 1:** Tabela formandas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo entre 1952 a 1971. Os nomes destacados na cor rosa são de mulheres que tiveram passagem ou seguiram a carreira enquanto funcionárias públicas.

O levantamento pressupunha estabelecer um cenário de atuação dessas primeiras mulheres graduadas enquanto arquitetas no Brasil, por outro lado ele nos permite identificar caminhos de pesquisa, desde o desenvolvimento desses órgãos públicos nas décadas de domínio da arquitetura moderna no Brasil, como também da atuação dessas mulheres e tantas



## ARQUIMEMÓRIA 6 SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

outras anônimas as quais coordenaram e desenvolveram projetos de grande relevância pública. Mayumi Watanabe, formada em 1960 pela FAU USP, é um exemplo de atuação de extrema relevância, operada via instituições públicas e de forma colaborativa em sua essência. Outros nomes, como Ermínia Maricato, também se destacam enquanto atividade em carreiras públicas.

Mesmo carreiras bem sucedidas sofreram com violência de gênero. Ou seja, disputar os espaços de poder era custoso, e em uma perspectiva ampla, ir para outras áreas profissionais, apresentava maiores possibilidades. (RUBINO, 2019)

A carreira acadêmica, a qual a tendência também pode ser percebida a partir dos levantamentos, demonstra a possibilidade de construção das disciplinas, nas quais as mulheres tornaram-se elaboradoras das próprias áreas de atuação, criando “escolas” e linhas de pesquisa, prestigiadas até os dias atuais, exemplo de Miranda Martinelli Magnoli, que coordenou a criação do departamento de paisagismo dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Outro aspecto notável a partir do levantamento, é a parceria entre essas mulheres e seus companheiros, principalmente das formandas após os anos 1960. Tais parcerias correspondem também ao aumento da atuação das mulheres na área de projeto de edificações. No entanto, historicamente, mulheres tendem à invisibilização em comparação a seus parceiros homens. Uma dificuldade no levantamento foi, inclusive, a questão da incorporação do sobrenome de seus maridos, tornando mais difícil encontrar dados com seus nomes de solteira, e uma vez reconhecida tal alteração, os escritórios homônimos foram identificados, e conseqüentemente parte da trajetória dessas mulheres. De toda forma, foi visível em tal levantamento que as informações a respeito dos escritórios surgiam com maior facilidade uma vez que procurava-se pelo nome do parceiro homem.

### A DIFUSÃO DA ARQUITETURA

As relações profissionais dentro da arquitetura se manifestam também nos meios de difusão da arquitetura, de modo que dados e levantamentos realizados demonstram que a maneira como a arquitetura foi veiculada a partir publicações, periódicos e manuais, reforçaram a ideia de autoria única. Olhar para a forma como a arquitetura foi difundida espelha como leigos a assimilaram, bem como a disciplina enxergava a si própria.

Retomando a citação de Beatriz Colomina, muito do que apreendemos da arquitetura está relacionado à sua forma de difusão. Por esse motivo, interessa aqui olhar para alguns formatos pelo qual a arquitetura foi apresentada, veiculada e distribuída no começo e meados do século passado. Wright pauta e problematiza também a questão da representatividade por parte dessas instituições.

Sistemas de poder que descrevem (e assim definem) o modernismo, especialmente julgamentos que determinam o que é ‘significativo’ --- ou não. Consideramos quatro tipos de instituições que fazem julgamentos críticos sobre valor: museus, escolas, publicações e organizações que direcionam a



# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

pesquisa, em parte por meio de programas de financiamento. (WRIGHT, 2007, tradução livre)

Por conta disso, elencou-se um periódico, a Revista Acrópole e uma instituição acadêmica, a FAU-USP, mais precisamente, as Coleções de Arquitetos da Seção de Materiais Iconográficos da Biblioteca da mesma Faculdade, enquanto referências de difusão e preservação de memória arquitetônica.

### Revista Acrópole

A Revista Acrópole, publicada de 1938 a 1971 com editoria na cidade de São Paulo, configurou-se como um dos principais e mais longevos periódicos de arquitetura, acompanhando o processo de urbanização do Estado em que se encontrava e em outras regiões do Brasil. A escolha de citação de tal revista se dá pela sua postura ampla de publicação dos projetos da época, possuindo certa heterogeneidade e auxiliando a presente pesquisa a compreender o estado da produção de arquitetura, bem como os valores associados à disciplina. Também foi critério de seleção a correspondência de datas com o período analisado das formandas. Por sua vez, a incorporação lenta dessas mulheres dentro da Universidade e do mercado de trabalho, as quais ganham corpo na década de 1970, após o encerramento da atividade da revista, pode também refletir a baixa representação dessas mulheres no periódico.

A partir do levantamento de M. Fonseca de Almeida, decorrente de sua Dissertação de Mestrado<sup>6</sup>, foi possível identificar que das 535 residências unifamiliares reproduzidas na Revista Acrópole durante toda sua longa publicação, apenas nove são assinadas por mulheres, das quais apenas duas são assinadas exclusivamente pela arquiteta e sete atribuídas a elas e seus parceiros. Isso corresponde a 1,6% das residências publicadas.

NOME DO PROJETO Conforme apresentado na Revista Acrópole	AUTORA/AUTORES DO PROJETO	ANO	LOCAL
Residência em Alagoas	Lygia Fernandes	1955	Alagoas
Residência em Boaçava	Miranda Martinelli (Magnolli)	1957	Boaçava
Anteprojetos para Residência	Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass	1958	Sem localização
Anteprojetos para Residência	Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass	1958	Sem localização
Residência no Alto da Lapa	Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass	1958	São Paulo
Anteprojeto para residência	Nina Albu e Bernardo Vaisman	1962	Sem localização
Residência no Jardim Paulistano	Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass	1962	São Paulo
Casa de praia	João W. Toscano e Odiléa H. S. Toscano	1968	Guarujá
Residência em Recife	Cristina Jucá e Frank Svensson	1971	Recife

**Tabela 2:** Residências publicadas na Revista Acrópole com autoria de mulheres. Seleção a partir do levantamento de Maísa Fonseca de Almeida.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Maísa, Fonseca. Revista Acrópole publica residências modernas: análise da revista Acrópole e a sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971. Dissertação de Mestrado, Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.



# ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Tratando do recorte de projeto de edificação, o qual, conforme discutido anteriormente, compreendia a atuação mais valorizada dentre os arquitetos, vemos que por menor que fosse a proporção entre mulheres e homens formados nesse período<sup>7</sup>, era menor ainda o das mulheres que se dedicavam ao exercício de projeto de edificações, e ainda menos expressivo as que eram publicadas por tal atividade<sup>8</sup>. Aqui não cabe reforçar a ideia de que a atividade projetual residencial é mais ou menos relevante que outras atividades, apenas nos cabe apontar que dentro da lógica da disputa de poder do campo, mulheres eram excluídas dessa área.

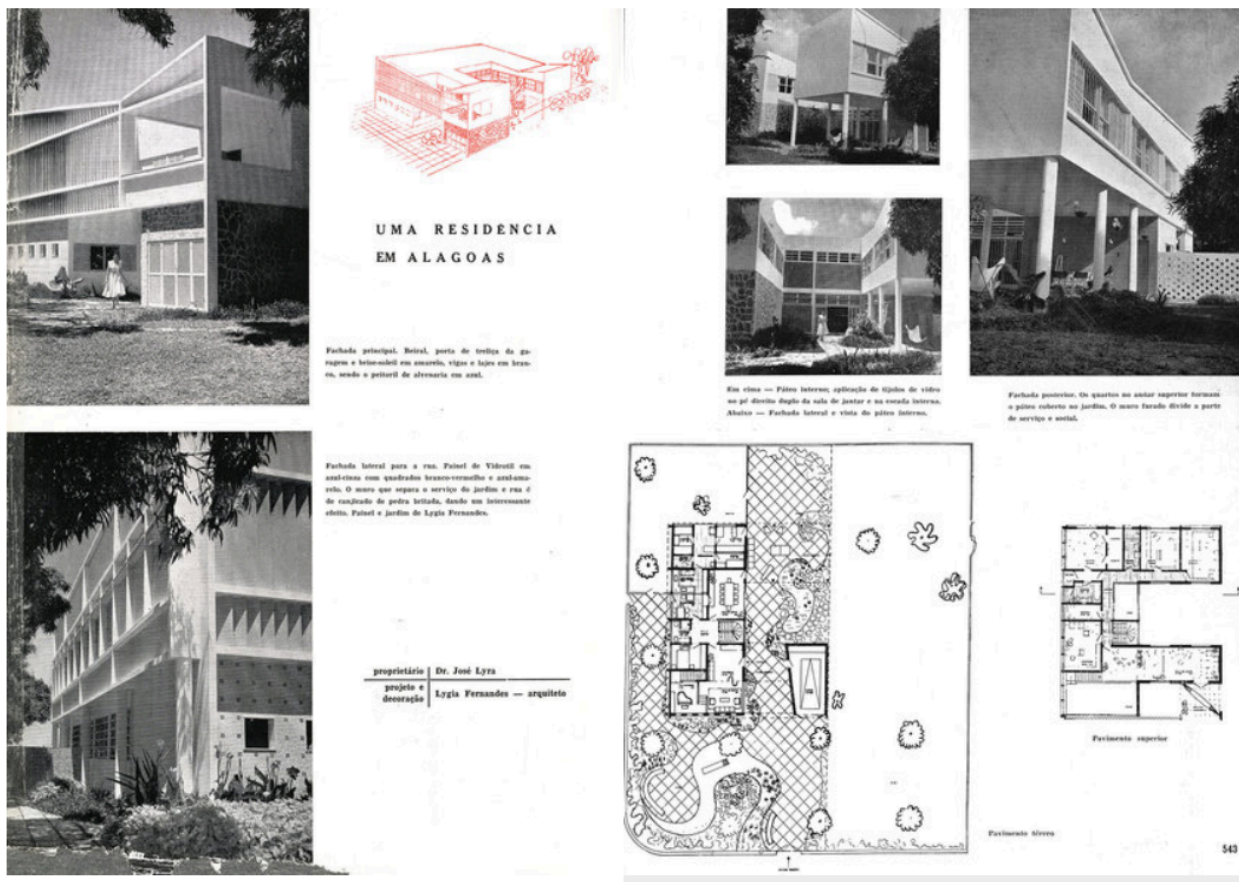


Figura 1: Residência em Alagoas, Lygia Fernandes. Revista Acrópole. Setembro de 1955, Ano 17, Edição 204. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br>

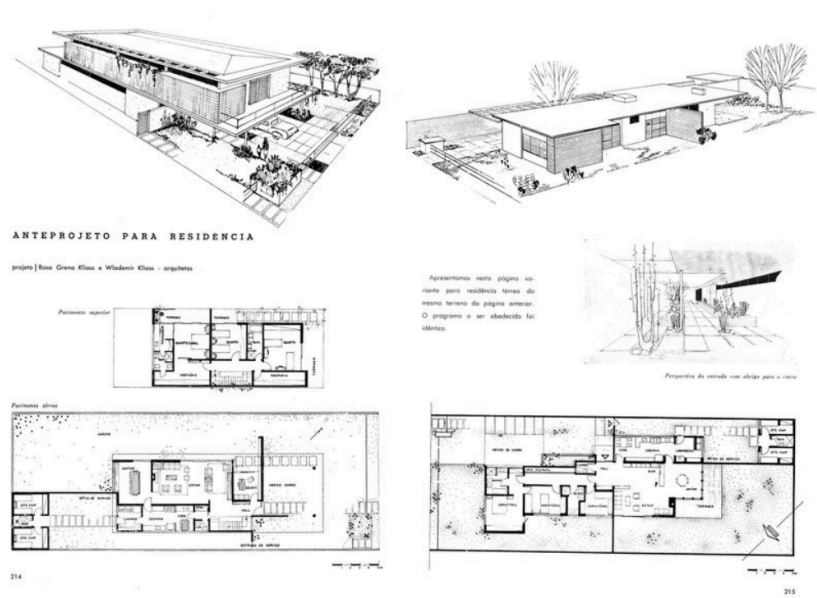
<sup>7</sup> Mulheres formadas entre 1952 e 1971 representam aproximadamente 20% dos formandos, sendo esse valor uma média entre os anos e a inclusão de mulheres discentes crescente a cada ano.

<sup>8</sup> Periódicos enquanto espelho da atuação de arquitetos naquele momento (ALMEIDA, 2009)

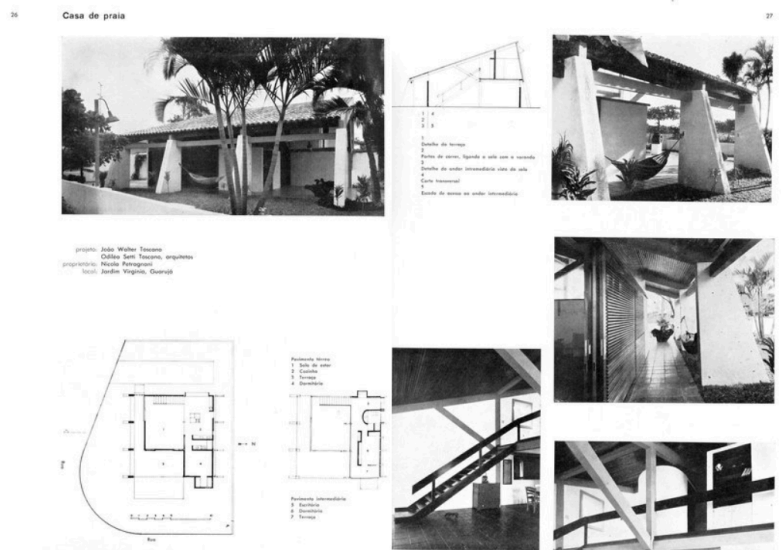


# ARQUIMEMÓRIA 6

## SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024



**Figura 2:** Anteprojeto para residência no Alto da Lapa, Rosa Kliass e Wladimir Kliass. Revista Acrópole. Setembro de 1958, Ano 20, Edição 234. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/>



**Figura 3:** Casa de Praia. João Toscano e Odiléa Toscano. Revista Acrópole. Abril de 1968, Ano 30, Edição 349. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/>





## ARQUIMEMÓRIA 6

### SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Enquanto paisagistas, projetos de Rosa Kliass e Miranda Martinelli em residências modernas também foram publicados, com atribuição à ambas.

Vale ressaltar que o levantamento partiu dos nomes das arquitetas formadas no recorte do período de 1952 a 1971 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Possivelmente, profissionais da arquitetura de outros Estados brasileiros, bem como outras mulheres não mapeadas até o momento, tenham também tido projetos publicados no periódico. A importância em colocar esses diversos nomes no radar das pesquisas é também de criar um corpo de referências.

O modelo de divulgação da arquitetura em periódicos como a Revista Acrópole<sup>10</sup> privilegiou os desenhos produzidos especificamente para publicação, ou seja, aqueles que enfatizam “as intenções dos arquitetos na organização dos espaços, suas soluções plásticas e técnico-construtivas” (SILVA, pg. 46, 2016). Essa apresentação da arquitetura enquanto existência completa, e não parte de um processo, apenas reforça a ideia de autoria e reduz a uma lista de três ou quatro participantes do projeto, conforme constam nas “fichas” da publicação. Por outro lado, seja por espaço físico nessas revistas ou possibilidade de aprofundamento em cada um dos projetos, tais publicações não seriam capazes de abarcar toda a dimensão de produção arquitetônica, o que se nota é a utilização recorrente de um mesmo modelo. Tal questão também reforça que pesquisas em arquitetura precisam ampliar seu leque de documentos consultados (PINHEIRO, 2011), exatamente para que um panorama mais amplo se estabeleça.

### **Acervo Biblioteca Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo**

Por sua vez, o Acervo de Projetos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo foi criado a partir da doação da Coleção do arquiteto Carlos Millan, por sua família, após sua morte precoce, em 1965. A Biblioteca da FAUUSP integrava um dos braços da Faculdade desde sua criação, em 1948, no entanto, é só a partir da incorporação do material da produção de Carlos Millan que a biblioteca passa a ser entendida também como um espaço de salvaguarda da memória (SILVA, 2016). Atualmente, com o crescimento e estabelecimento do Acervo, constitui-se a Seção de Materiais Iconográficos (Matlcon), a qual é responsável pela salvaguarda de todas as coleções.

A maior parte das doações que hoje constituem esse acervo foi doada nas décadas de 1980 e 1990 (SILVA, 2016), correspondendo a um período de saída e aposentadoria, enquanto professores, da Universidade de nomes consagrados da arquitetura moderna. Cada coleção é designada a seu autor principal, dessa forma, o acervo se estabelece na qualidade de um reflexo do cânone da arquitetura moderna, ou seja, atribuído única e exclusivamente ao mestre-autor da produção.

No final da década de 1990 e início de 2000, coleções exemplares de arquiteturas ecléticas e do início do modernismo se somam ao acervo, sendo elas, por exemplo, as coleções de Carlos Ekman, Elisiário Bahiana, Ramos de Azevedo e Victor Dubugras, ampliando-o e inserindo neste conjunto de memórias uma visão mais ampla da arquitetura produzida no Brasil, que não somente a arquitetura moderna.

---

<sup>10</sup> Periódicos como a revista Casa e Jardim e Habitat também reproduziam projetos de arquitetura.



## ARQUIMEMÓRIA 6 SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Das 44 coleções que compõem o acervo, apenas duas correspondem a de uma mulher. Rosa Kliass, um dos maiores nomes do paisagismo moderno brasileiro, doou sua obra em 1998, a qual contém 173 itens, abrangendo o período de 1955 a 1997 (TAMARI, 2020) e do escritório de arquitetura Teuba, coordenado por Christina de Castro Mello e Rita de Cassia Alves Vaz, incorporada em 2024.

É de extrema importância conservar e consolidar esses materiais enquanto fontes primárias de pesquisa, no entanto, o formato e o modelo que tem-se adotado para essas coleções ainda reforçam a ideia de autoria. Contudo, diferentemente dos desenhos de publicação, em que o processo está ocultado, o acesso e a manipulação desse material permite maior compreensão do desenvolvimento dos projetos, do funcionamento dos escritórios, das hierarquias, bem como dos colaboradores. Em sua tese de doutorado, Joana M. C. Silva, aborda, por exemplo, os carimbos das pranchas de projeto enquanto fornecedores de informação normalmente desconhecidas em arquivos e fichas cadastrais.

O Acervo da Biblioteca da FAUUSP foi fundado no auge da arquitetura moderna no Brasil e apesar de introduzir a ideia de fonte primária enquanto documento de pesquisa da história da arquitetura, ainda colabora com um certo modelo historiográfico. Tamari, durante a construção da “biografia coletiva” das mulheres formadas no período de 1952 a 1971, identificou que este acervo não seria suficiente para entender as trajetórias profissionais femininas, e outros arquivos, como o Acervo da Seção de Alunos<sup>11</sup> precisou ser acessado. Entende-se, então, que tal modelo não abrange as diversas narrativas de produção da arquitetura e cria-se uma oportunidade de pensar como elaborar acervos mais representativos, sem que seja necessário a criação de arquivos com eixos temático<sup>12</sup>.

### AS DISPUTAS DO CAMPO ARQUITETÔNICO

É notório que os primeiros arquitetos reconhecidos pela historiografia da arquitetura moderna formaram-se engenheiros, visto o exemplo de João Batista Vilanova Artigas, ou tiveram formação estrangeira em Escolas de Arquitetura. A Escola Politécnica de São Paulo foi criada em 1893, quando apenas um pouco mais de uma década antes, por meio do Decreto Lei nº 7.247/1879 de 1879, as mulheres haviam adquirido o direito de entrar na Universidade, ainda assim, as suas matrículas deveriam ser feitas por pais ou maridos.

Por sua vez, a primeira Faculdade na qual os ofícios arquitetônicos mais amplos eram tratados, foi a Faculdade de Belas Artes, sendo a primeira delas a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, do Rio de Janeiro, de 1816. A primeira Escola desvinculada da Politécnica e das Belas Artes foi a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais, criada em 1930.

---

<sup>11</sup> O Acervo da Seção de Alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP acondiciona dados corporativos da Faculdade, sendo esses fichas de alunos, resumos escolares, entre outros documentos e dados cadastrais.

<sup>12</sup> Um exemplo de arquivo com foco exclusivo na produção de mulheres arquitetas é o International Archive of Women in Architecture. O IAWA foi estabelecido em 1985 como um programa conjunto da Faculdade de Arquitetura e Estudos Urbanos e das Bibliotecas Universitárias da Virginia Tech. O objetivo do Arquivo é documentar a história das contribuições das mulheres para o ambiente construído.



## ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

As primeiras Faculdades de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo foram criadas na década de 1940, sendo em 1947 estabelecida na Universidade Mackenzie e em 1948 a da Universidade de São Paulo. Neste mesmo cenário, a divisão sexual do trabalho na prática arquitetônica conferiu às mulheres o âmbito das chamadas “artes menores” (RUBINO, 2017), essas normalmente associadas a atividades domésticas, como as artes decorativas e o paisagismo, ainda muito mais associado aos jardins do que aos espaços livres.

Os levantamentos trazidos no presente artigo transportam-se em dados que corroboram em dois entendimentos simultaneamente sustentados, de que, a medida que a disciplina da arquitetura consolidou a área de projeto de edificações enquanto exercício principal e nobre do arquiteto, sendo essa dominada pelo gênio criador masculino, as mulheres afastaram-se dessa atividade e se aproximaram das áreas de menor disputa. Por sua vez, os mesmos levantamentos apontam para uma tendência menos ligada à produção e sim à profissionalização, em que diversas dessas mulheres, identificadas nas listas discentes, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, seguiram carreira dentro de órgãos públicos<sup>13</sup>.

A partir desse cenário, da marginalização de disciplinas em relação ao projeto de edificações, essas áreas de conhecimento e de prática profissional tornam-se espaços de menor disputa, no qual as mulheres puderam não apenas se inserir no mercado de trabalho, mas também tornaram-se formadoras e teóricas essenciais das áreas.

Ao mesmo tempo, a historiografia da arquitetura tardou a reconhecer a atividade neste campo, de forma que colaborou na manutenção do discurso canônico, bem como na desigualdade entre os gêneros na atuação profissional.

O recorte temporal até 1971, corresponde à reforma curricular na FAUUSP, na qual cresce o número de ingressantes discentes<sup>14</sup>. Não houve tempo hábil dentro do presente artigo de ter acesso junto à Seção de Graduação, da mesma Faculdade, à lista de formados a partir dessa reforma, para que fosse possível avaliar a mudança proporcional de gênero de alunos ingressantes. No entanto, a entrada de mais alunos tende a ter relação direta com uma maior variedade de gênero e de classe.

A FAU USP, em 1952, teve a primeira turma graduada, em que formaram-se 4 mulheres, dentre 26, agora, arquitetos e arquitetas. Em 1983 o número de mulheres formadas supera o de homens e a partir desse marco também é possível estabelecer novo desenvolvimento de pesquisa, operando no sentido de entender se a maior representatividade feminina no corpo discente de fato se transpõe no mercado de trabalho, mesmo que a arquitetura vigore sob uma lógica machista, até os dias atuais.

---

<sup>13</sup> O levantamento demonstra que tal tendência foi mais forte dentre as arquitetas formadas nas primeiras turmas, sendo essas de 1952 até 1960.

<sup>14</sup> A partir de 1971 passam a ingressar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP 150 estudantes. Anteriormente ingressavam 30 alunos por ano.



# ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão historiográfica iniciada na década de 1980 ampliou o campo de pesquisa da arquitetura para além do objeto arquitetônico e dos discursos dos poucos nomes continuamente festejados. Esse alargamento do entendimento trouxe à tona a dimensão coletiva da arquitetura, dos vários agentes, das interferências externas, e da compreensão do campo num âmbito sócio-cultural.

As instituições, sejam elas as acadêmicas ou as de difusão, acompanham esse movimento. No entanto, o favorecimento e mesmo a conservação de uma única narrativa no decorrer do século XX ocasionou a perda de materiais que contribuíram na compreensão de outras narrativas, e com isso as múltiplas relações da arquitetura moderna ficam encobertas (SILVA, 2016).

É preciso compreender que diferentes tipologias documentais contribuem para narrativas variadas e mais representativas. Nesse sentido, acessar arquivos e acervos diversos, ou mesmo a aproximação do tema compreendendo a arquitetura enquanto disciplina colaborativa permite que aos poucos não seja tão raro localizar a presença dessas mulheres e de agentes invisibilizados na produção do período. Fontes primárias compreendem expressões e são testemunhas do processo e, se analisadas dessa forma, e não enquanto produtos indissociáveis de um nome, podem auxiliar na ampliação do entendimento da arquitetura e do projeto. Arquivos tradicionais devem também ser analisados em sua potência e não somente latência.

Pela sua relevância na história da arquitetura brasileira, diversos pesquisadores abordam o modernismo, e se a historiografia contemporânea incentiva e olha para esses colaboradores, aos poucos informações e nomes tornam-se dados acessíveis. Uma definição de modernismo que entenda-o em um aspecto mais amplo, não apenas como conquistas individuais, compreendendo a colaboração, as diversas formas de construir o espaço e os diversos agentes, dá às mulheres mais espaço de atuação e experimentação (WRIGHT, 2007).

Mobilizar a categoria do gênero corresponde a questionar os discursos normativos e trazer para a pauta novas categorias de análise (TAMARI, 2020), não apenas para revistar esse processo de meados do século XX, mas para compreender de que forma alterar os mecanismos de poder atual.

O viés do gênero ainda se configura enquanto eixo temático na historiografia da arquitetura, pois esta, até hoje, enxerga homens como o conteúdo exclusivo e imparcial de tal tema. No entanto, e mesmo que ainda pioneiro, cresce uma abordagem que olha criticamente para esse processo, enquanto forma de ampliar o cenário do que entende-se enquanto arquitetura moderna no Brasil.

O processo de profissionalização, associado ao papel atribuído às mulheres na sociedade brasileira, expõe como a concepção em torno da autoria, em oposição à da colaboração, favoreceu o ocultamento dessas mulheres. Por sua vez, essas conseguiram, dentro de seus campos de atuação, carreiras longevas e bem sucedidas, algo que talvez não fosse possível caso disputassem espaços de autoria naquele período.



## ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Tal como nomeia sua palestra em 2018<sup>15</sup>, Beatriz Colomina afirma que “We don’t need another hero” (Nós não precisamos de outro herói), busca-se discutir a construção de memória em arquitetura sem projetar o modelo da autoria em mulheres. Deve-se dar o espaço e o crédito necessário a conjuntos de produções dos arquitetos e arquitetas, mas para além da ideia de autoria historicamente ter sido destinada aos homens, esse modelo é enviesado e excludente. Abordar a arquitetura enquanto processo, e não obra concluída, produzida por agentes públicos, privados, institucionais, marginalizados, e incluindo todos os personagens, é capaz de expandir nosso entendimento da disciplina como uma disciplina colaborativa, tal como ela é. Mobilizar a categoria do gênero, neste contexto, corresponde a questionar os discursos normativos e trazer para a pauta novas categorias de análise e de tipologias documentais.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A lista de formandos entre 1967 a 1971 foi concedida pela Assistência Acadêmica da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, para uso estritamente acadêmico.

BUITONI, Cássia Schroeder. Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

CASTRIOTA, Leonardo Barci, “Arquitetura e Documentação: Novas perspectivas para a história da arquitetura” In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Arquitetura e Documentação: Novas perspectivas para a história da arquitetura*. 1a ed. São Paulo, AnnaBlume, 2011.

CESAR EUPHRASIO DE MELLO, Bruno; KUHN, Eugenia Aumond; RORATO, Geisa Zanini. O debate sobre o trabalho e exercício profissional do arquiteto-urbanista brasileiro. In: *Pós FAUUSP*, São Paulo, v. 28, n. 52, e168263, jan-jun 2021.

COLOMINA, B. Introduction. In: COLOMINA, B.(org.) *Sexuality and Space*. Nova York. Princeton Architectural Press, 1992.

CONTIER, Felipe de Araújo. O Edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Cidade Universitária: Projeto e construção da Escola de Vilanova Artigas. Dissertação de Mestrado, Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

COSTA, Eduardo. Mudanças epistemológicas na arquitetura: Entre arquivos, exposições e publicações. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, vol 34, nº 72, p.129-147, Janeiro-Abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210107>

---

<sup>15</sup> Harvard University. Beatriz Colomina, “The Secret Life of Modern Architecture or We Don’t Need Another Hero”. 28.03.2018. Disponível em: <https://www.gsd.harvard.edu/event/beatriz-colomina-the-secret-life-of-modern-architecture-or-we-dont-need-another-hero/>. Acessado em 26.05.2023.



## ARQUIMEMÓRIA 6

### SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

DIAS, Dora Souza. O ensino de comunicação visual na FAU USP: história, implementação e características. 2015. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.16.2016.tde-07032016-180008. Acesso em: 2023-07-03.

FERNANDES, Ana. Acervos de arquitetura e de urbanismo no Brasil: Novas possibilidades de pesquisa e de ofício. 9º seminário Docomomo Brasil: interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília, junho de 2011.

FRIEDMAN, Alice. Woman and the making of modern house: A social and architectural history. Yale University Press, 2007. Pg. 128 - 159.

ALMEIDA, Maisa, Fonseca. Revista Acrópole publica residências modernas: análise da revista Acrópole e a sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971. Dissertação de Mestrado, Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

HEYNEN, Hilde. Modernity and Domesticity: tensions and contradictions. In: HEYNEN, Hilde; BAYDAR, Gülsüm (eds.). Negotiating Domesticity: spatial productions of gender in modern architecture. UK, Abingdon: Routledge, 2005, p. 1-29

LIRA, J. ., Delecave, J., Próspero, V., & Fiammenghi, J. (2021). Acervos de arquitetura como espaço histórico de formação. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 29, 1-31. <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e53>

LIRA, J. T. C. Lugares de gênero em arquitetura: uma aproximação. In: IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2016, Porto Alegre. Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

MATTOS, Fernando Augusto Mansor. Trajetória do emprego público no Brasil desde o início do século XX. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 91-122, jun. 2015.

MELLO, Mirela Geiger de. Arquitetura escolar pública paulista. Fundo Estadual de Construções Escolares - FECE/ 1966-1976. 2012. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.16.2012.tde-29082012-135732. Acesso em: 2023-06-26.

MIGUEZ, Stella Regina, MARQUES, Eliana de Azevedo. "O Acervo de Projetos da FAUUSP: a consulta à documentação como fonte primária e seus usos". 9º Seminário DOCOMOMO BRASIL, junho 2011.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. A preservação documental: O desafio dos arquivos de arquitetura. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. Arquitetura e Documentação: Novas perspectivas para a história da arquitetura. 1a ed. São Paulo, AnnaBlume, 2011.



## ARQUIMEMÓRIA 6

### SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

RUBINO, S. Lugar de mulher: arquitetura e design modernos, gênero e domesticidade. Tese (Livre-docência em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas: 2017.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. O design pop no Brasil dos anos 1970: domesticidade e relações de gênero na revista Casa & Jardim. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). 307 f. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. Um acervo, uma coleção e três problemas: a Coleção Jacques Pilon da Biblioteca da FAUUSP. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 24, n. 3, p.45–70, 2016. DOI: 10.1590/1982-02672016v24n0302.

SODRÉ, J. Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil 1938-1962. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). FAUUSP, São Paulo, 2010. 226p.

TAMARI, Gabriela Tie Nagoya. Paisagismo e Urbanismo: Disciplinas femininas e feministas? In: 5º Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2018, Salvador.

TAMARI, Gabriela Tie Nagoya. PAISAGISMO E GÊNERO: TRAJETÓRIAS FEMININAS EM SÃO PAULO. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021,

TAMARI, G. T. (2022). Explorando os arquivos da FAUUSP: novas e velhas fontes de pesquisa do arquivo de documentos pessoais da Seção de alunos e no Acervo de Projetos da Biblioteca. Paranoá, (32), 1–20. <https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n32.2022.24>

WRIGHT, G. Women in Modernism. In Making Places in Architecture. Nova York, MoMA, 2007;

#### **Palestras Online:**

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. RUBINO, Silvana. MASP Palestra 2019 | O lugar da mulher na arquitetura moderna | 13.4.2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ps8WrJ3jUdw&ab\\_channel=MuseudeArtedeS%C3%A3oPauloAssisChateaubriand](https://www.youtube.com/watch?v=ps8WrJ3jUdw&ab_channel=MuseudeArtedeS%C3%A3oPauloAssisChateaubriand). Acessado em 08.06.2023.

Harvard University. Beatriz Colomina, “The Secret Life of Modern Architecture or We Don’t Need Another Hero”. 28.03.2018. Disponível em: <https://www.gsd.harvard.edu/event/beatriz-colomina-the-secret-life-of-modern-architecture-or-we-dont-need-another-hero/>. Acessado em 26.05.2023.